

O Arsenal e a resistência ao fascismo

Em 1939, o estaleiro é transferido para o Alfeite, inaugurado a 3 de Maio com 1267 trabalhadores. Projecto antigo, construído durante anos e que visava também libertá-lo da influência das ideias socialistas. Foram por isso dispensados 450 operários. Mas em vão, evidentemente.

No início dos anos 40 a célula do PCP tinha 50 militantes, distribuía com Avantes e influenciava uma Comissão Unitária de Trabalhadores.

Em 1947, enfrentando a mobilização militar os arsenalistas paralisaram meio dia em solidariedade com a greve dos estaleiros navais de Lisboa.

Nos anos de fascismo, do Arsenal saíram dezenas de militantes que pertenceram ao MUD Juvenil, participaram nos movimentos eleitorais ou dinamizaram colectividades, grupos recreativos e cooperativas.

Alguns, mais radicais, quiseram de armas na mão derrubar o fascismo, participando na tentativa de assalto ao Quartel de Beja no primeiro dia de 1962, sofrendo por isso a prisão e as torturas da PIDE.

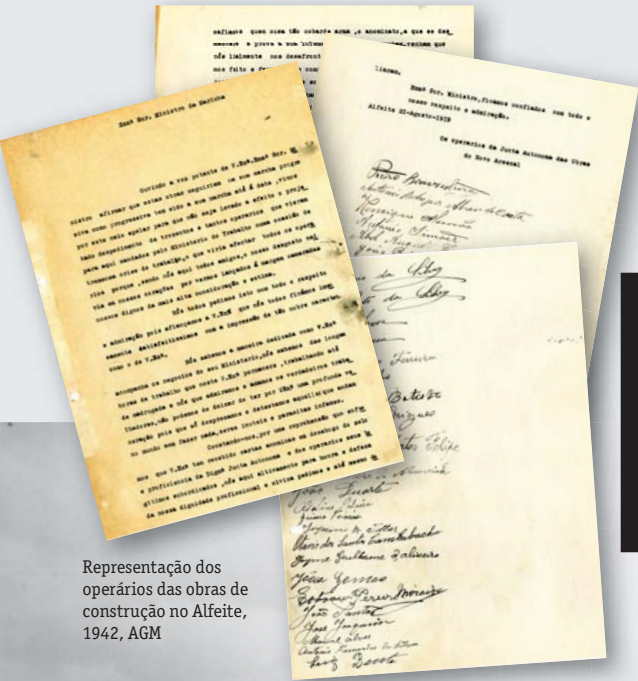
Quando o descontentamento crescia e o protesto se impunha, mesmo sob as leis militares, a palavra passava de oficina em oficina e em silêncio os arsenalistas concentravam-se frente à Administração. Era o "pisar a relva", expressão de luta e resistência protagonizada por gerações de operários até ao 25 de Abril.



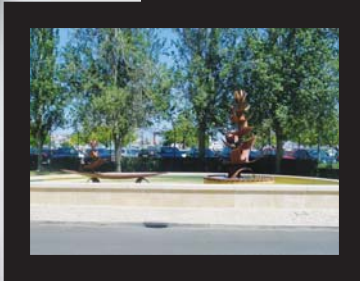
Grupo de Arsenalistas da Sala do Risco, (Serra, 52)



Operários traçadores navais do Arsenal do Alfeite, 1946. (Flores e Policarpo, 153)



Representação dos operários das obras de construção no Alfeite, 1942, AGM



Pisar a Relva - local de concentração dos trabalhadores frente à Administração



Confraternização de esperantistas do Arsenal. (Flores e Policarpo, 150)



Aspecto das obras de construção no Alfeite